



ENGENHARIAS DA MODA DESTRONAM MEDICINA

Ana Petronilho

ana.petronilho@sol.pt

Há pelo menos 20 anos que a Medicina tinha a média mais alta nas notas de acesso à universidade. Este ano, foi ultrapassada pelas engenharias que garantem emprego total.

Cursos com poucos alunos, exigentes, dinâmicos, que abrem portas a trabalho no estrangeiro e com uma taxa de empregabilidade total. Esta é a receita do sucesso dos três cursos que, este ano, destronaram a medicina do primeiro lugar do pódio dos cursos com a média mais alta de entrada.

A licenciatura de Engenharia Aeroespacial do Instituto Superior Técnico (IST), da Universidade de Lisboa, registou uma média mínima de entrada de 18,5 (numa escala de 0 a 20) e ocupa o primeiro lugar do *ranking* das médias mais altas. No mesmo patamar ficou a licenciatura de Engenharia Física Tecnológica, também do IST. E logo de seguida surge a licenciatura de Engenharia e Gestão Industrial da Universidade do Porto com a média de 18,4 valores.

É preciso recuar mais de 20 anos para encontrar um curso superior com a média mais alta do que a licenciatura de Medicina. Desde 1998 – quando entraram em vigor as atuais regras no acesso à universidade – que a Medicina ocupava o ‘trono’ da média mais alta.

O *SOL* foi, por isso, falar com os responsáveis por estes cursos para perceber como funcionam e qual a receita do seu sucesso.

No caso da engenharia Aeroespacial e da Física Tecnológica, as médias têm vindo a subir nos últimos anos, mas de forma «**não mui-**

to marcada», refere ao *SOL* o presidente do IST, Arlindo Oliveira, para quem esta tendência resulta de «**uma maior projeção das áreas tecnológicas e do interesse pela tecnologia**». Além disso, os alunos destes cursos «**são muito procurados**» por empresas com propostas de trabalho ou de estágios, especialmente «**durante os dois últimos anos**» da licenciatura, sublinha.

Para facilitar a ponte com o mercado de trabalho, o IST desenvolve parcerias e projetos com a Agência Espacial Europeia, o Centro Europeu de Pesquisa Nuclear, o CERN, com o ITER, o reator nuclear experimental de fusão, em Cadarache, França. «**Muitos dos alunos estão envolvidos nestes projetos**», garante o presidente do IST.

E tudo isto, diz ainda Arlindo Oliveira, tem feito com que estas duas licenciaturas tenham vindo a ser cada vez mais procuradas.

É o caso de José Freitas, que tirou Engenharia Aeroespacial e está a trabalhar na Critical Software desde 1995, depois de ter concluído o estágio final de curso na Airbus Defence and Space, em Paris. Durante a licenciatura, José Freitas participou na Euroavia (Associação Europeia de Estudantes de Aeroespacial), através da qual teve contacto com estudantes e empresas internacionais e onde teve o seu primeiro contacto com a em-

presa onde hoje trabalha. Regressou ao país depois de estagiar em Paris porque quer «**contribuir de alguma forma para a evolução da indústria aeroespacial *made in Portugal***», conta ao *SOL*.

Experiência semelhante é a de Luís Gargaté, que tirou Engenharia Física no IST porque queria «**compreender a base de tudo e perceber os fenómenos em vez de decorar fórmulas**». Enquanto tirou o curso, esteve envolvido em dois projetos internacionais: voos parabólicos, com gravidade zero, numa cápsula; e construção de um satélite, no qual a sua equipa era a única portuguesa. Hoje, Luís Gargaté também está a trabalhar na Critical Software, depois de ter feito investigação na Universidade de Princeton, durante dois anos.

Vagas têm aumentado

No caso da Engenharia e Gestão Industrial da Universidade do Porto, o número de vagas disponíveis tem vindo a acompanhar a subida gradual da média que se regista nos últimos anos, uma tendência que se deve à «**elevada atratividade do curso no contexto atual das organizações**», diz ao *SOL* Ana Camanho, diretora do curso. E isso reflete-se tanto na taxa de empregabilidade – que seis meses depois dos alunos concluírem o curso «**foi sempre superior a 90%**» –, como no número de empresas que procuram a Faculdade de Engenharia para estabelecer protocolos. Para estágios, «**o número de propostas recebido em cada ano letivo é cerca do dobro do número de estudantes**», sublinha Ana Camanho.

Guilherme Pacheco, ex-aluno, conta ao *SOL* que, tal como «**qua-**



se todos» os alunos, foi abordado por uma empresa enquanto frequentava as aulas: «É fácil para qualquer aluno deste curso com um percurso académico razoável conseguir encontrar trabalho, tanto a nível nacional como internacional». «Temos colegas a trabalhar em áreas tão distintas como saúde, indústria, retalho, banca e tecnologia», exemplifica.

Além de todos estes ingredientes, nota-se que muito do sucesso destes três cursos deve-se à sua dimensão: estas licenciaturas têm muito menos alunos do que Medicina. E quanto menos vagas forem disponibilizadas maior será a média do curso.

Para já, são 85 os alunos que vão frequentar o 1.º ano de Engenharia Aeroespacial – um número de estudantes não muito maior face aos 60 que vão frequentar a Física Tecnológica e os 70 que entraram em Engenharia e Gestão Industrial.

A Medicina conta, este ano, com 245 alunos no Porto e com 156 no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, a que se somam mais 120 na Universidade do Minho, 258 na Universidade de Coimbra, 295 em Lisboa e 233 na Nova.

Curso / Instituição	Média do últ. colocado
Eng. Física Tecnológica Inst. Sup. Técnico Lisboa	185,3
Eng. Aeroespacial Inst. Sup. Técnico Lisboa	185,3
Eng. e Gestão Industrial Faculdade Engenharia Porto	184,8
Medicina Faculdade Medicina Porto	184,0
Medicina Inst. C. Biomédicas A. Salazar	182,5
Bioengenharia Faculdade Engenharia Porto	182,0
Medicina Universidade do Minho	181,7
Mat. Aplicada e Computação Inst. Sup. Técnico Lisboa	180,5
Medicina Fac. Medicina Coimbra	179,8
Engenharia Biomédica Inst. Sup. Técnico Lisboa	179,5

FONTE: MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECN. E ENSINO SUPERIOR

A experiência dos ex-alunos

Luis Gargaté

Engenharia Física do Instituto Superior Técnico

A Física é a base de todas as ciências. Com este curso aprendi a pensar e analisar todos os problemas para chegar a um certo resultado. Um aluno sai do secundário com pouca noção do que é a Física e, para se tirar este curso, que é difícil, é preciso ter muito interesse e motivação nesta área.



José Freitas

Engenharia Aeroespacial

Foi a minha primeira opção. O espaço e a exploração espacial sempre me fascinaram. Uma das vantagens deste curso é o leque abrangente de áreas abordadas, como mecânica, informática ou eletrónica. Isto permite que os recém-licenciados tenham várias opções para o futuro.



Guilherme Pacheco

Engenharia e Gestão Industrial

O curso tem uma dinâmica muito própria que abrange várias áreas do conhecimento. É fácil para qualquer aluno deste curso com um percurso académico razoável conseguir encontrar trabalho tanto a nível nacional como internacional.



Os dois cursos com médias mais altas são do Técnico